

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS**

**Abigail Guedes Magalhães**

**A poética de Manoel de Barros desvelada pelo imaginário na infância**

**Juiz de Fora**

**2019**

**Abigail Guedes Magalhães**

**A poética de Manoel de Barros desvelada pelo imaginário na infância**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Faculdade de  
Educação, da Universidade Federal  
de Juiz de Fora como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Especialista em Ensino de Artes  
Visuais.

Orientadora Profa Ma Ana Paula Chaves Mello

**Juiz de Fora  
2019**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus!

Ao Sílvio, companheiro de caminhada, que sempre me apoiou e me incentivou em minhas escolhas.

Às minhas filhas Erika que me indicou e incentivou fazer esse curso, estando sempre presente durante o meu percurso nessa empreitada e à Tânia que se entusiasmou e apoiou a minha decisão em realiza-lo.

À minha família minha gratidão e carinho!

Ao coordenador, Francione Carvalho e todos os professores e tutores desse curso, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que nos proporcionaram experiências de aprendizagens transformadoras fazendo-nos ver e sentir que as Artes Visuais realmente transformam o mundo!

À Ana Paula Chaves Melo pelo carinho, atenção e presença constante e a capacidade de orientar com tanta paciência, profissionalismo e dedicação!

Aos colegas, pelas trocas de experiência, ajudas, compartilhamentos e também afetos apesar da virtualidade... pessoas que cruzam os nossos caminhos e deixam as marcas dessa afetividade...

## RESUMO

Esta pesquisa, de leitura de imagens, é um projeto de intervenção no qual busco compreender como as crianças de uma escola pública, de Juiz de Fora, cursando o primeiro ano do Ensino Fundamental, percebem os versos de Manoel de Barros, no livro Exercícios de ser criança. Ao realizar essa investigação o meu objetivo foi observar como esses alunos e alunas transformariam as palavras do poema O menino que carregava água na peneira em imagens. A arte possibilita travessias e novas formas de ver o mundo, produzindo estranhamentos carregados de emoções, tal como essa experiência de promover a interlocução entre Literatura e Artes Visuais.

Palavras chave: Poesia Imagem Infância Visualidade

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1. DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Os despropósitos de Manoel de Barros no cotidiano escolar .....</b>	<b>8</b>
<b>1.2 O vocabulário manoelês: um processo de criação singular. ....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 A educação estética com crianças: uma experiência de aprendizagem .....</b>	<b>15</b>
<b>2. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>3. REFERENCIAS .....</b>	<b>19</b>

## INTRODUÇÃO

Busco com esta pesquisa apresentar um trabalho realizado com os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental na E.M. Santos Dumont na cidade de Juiz de Fora. Com dois encontros, de uma hora e vinte minutos cada, mergulhamos numa experiência marcante. Adentramos o mundo imaginário e fantástico do poeta Manoel de Barros, “vivendo momentos mágicos”, como as crianças assim tão bem definiram. A escolha para realizar o projeto nesta escola, deve-se ao fato de pertencer à Rede Pública e ter uma professora regente, alfabetizadora, que também tem interesse em observar a recepção de seus alunos na relação entre Literatura e Artes Visuais. Como eu pretendia realizá-lo em uma turma de primeira série, com crianças de 5 e 6 anos, todas as condições se apresentaram favoráveis para que o trabalho fosse realizado nesse espaço.

O poema, *O menino que carregava água na peneira*, passou a ser o cenário daquele contexto. Ali, no “chão da escola,” as crianças participaram de momentos inesquecíveis, de encontros e desencontros, encantos e desencantos por estarem em contato com muitas situações que lhes apresentavam impossíveis, tais como: “*carregar água na peneira*”, “*catar espinhos na água*”, “*criar peixes no bolso*” e muitas outras descritas na poesia. Foram momentos que os levaram a um mundo fantástico onde a imaginação não tem limites. Descobriram uma nova forma de ver o mundo, onde os conhecimentos chegam com experiências lúdicas e a aprendizagem acontece com tal facilidade que o tempo parecia parar.

Os versos do poema que propiciaram desvendar esse mundo compõem os poemas de Manoel de Barros e estão no livro *Exercícios de ser criança*, publicado em 1999, marcando a sua estreia na literatura infantil. As cenas bordadas com linhas coloridas que perpassam todo o livro reproduzem os sentimentos do poeta. Percebe-se com isto, que a arte possibilita travessias e novas formas de ver o mundo, produz estranhamentos carregados de emoções. Esse foi o meu desejo ao realizar essa investigação: apresentar a linguagem literária diluída nas tintas das artes visuais. Como seria a interlocução entre as duas linguagens Literatura e Artes Visuais? É possível dar visualidade às palavras? Como decompor a poesia em artes visuais?

Percebo o meu desejo em realizar essas “peraltagens” com as crianças para que elas sintam o que são os “despropósitos” e como entendem o vocabulário “manoêles”, grafando os versos em imagens, pintadas no papel. Realizar essa experiência estética, com crianças, me proporcionou compreender que a arte promove transformações porque estimula a atividade criadora e amplia o seu repertório artístico e cultural.

A essência surreal<sup>1</sup> da poética de Manoel Barros, causa um estranhamento pelo aparente discurso de (des) concerto e (des)ordem das quais o poeta utiliza-se para recompor o seu mundo. Ao ler os seus versos percebemos o seu desejo de recriar, de trazer novos sentidos para a existência. E é justamente na infância que existe essa ansiedade quanto ao novo, ao mundo que aí está todo para ser explorado e vivido.

As artes visuais também promovem essa revolução ao subverter os padrões, elegendo assim, situações consideradas contraditórias a uma categoria de beleza, que nem sempre é apreciada pela sua forma de apresentação, mas pelos valores subjetivos que a compõem e que estão intimamente relacionados ao impacto causado. O espectador poderá ter sensações de estranhamento, surpresa, dúvida, indignação, prazer ou desprazer que serão captadas de acordo com o repertório cultural, social, político e religioso que possui. O observador e a obra, o belo ou o feio são impressões subjetivas que se traduzem pelas emoções que produzem. A experiência estética provoca no espectador uma percepção que não diz respeito ao conceito do objeto e sim às impressões que ele causa e o que está guardado em nossa subjetividade. Cultura, conhecimento, imaginação e sensibilidade são alicerces que constituem os elementos de apreciação das diferentes visualidades. O livro, *Exercício de ser criança*, coloca-se nessa condição: deve ser apreciado e fruído pelos seus “despropósitos”.

Embora, seja tecido de poemas para as crianças pude perceber que o desejo do poeta é sempre o de provocar estranhamentos em todas as fases de nossa existência. Os “despropósitos” e as “peraltagens” podem ser vividas em todas as idades. São ideias com o “propósito” de nos tirar do lugar que estamos confortavelmente situados, causar tensões e inquietações para nos fazer repensar que lugar ocupamos nesse contexto social aparentemente ordenado. É preciso despertar para uma desordem criativa.

Assim, em meio a essa desordem, construí esse projeto de intervenção com o desejo de mostrar, como alunos do primeiro ano, dariam visualidade às palavras, aos versos e ao poema composto por um discurso singular: o vocabulário manaelês.

A intervenção como prática artística tem o objetivo de interferir em uma dada situação para provocar alguma mudança, no plano espacial, temporal, intelectual e/ou sensorial. A

---

<sup>1</sup> O termo surrealismo, cunhado por André Breton com base na ideia de "estado de fantasia supernaturalista" de Guillaume Apollinaire, traz um sentido de afastamento da realidade comum que o movimento surrealista celebra desde o primeiro manifesto, de 1924.

SURREALISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3650/surrealismo>>. Acesso em: 01 de Mai. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

interposição dessas duas linguagens, a literata e a artística me proporcionaram observar essas mudanças tanto na aprendizagem quanto no comportamento das crianças.

A metodologia utilizada é a pesquisa-ação, que se constitui por uma forma de investigação realizada no próprio contexto das aprendizagens, com o objetivo de promover uma melhoria nas práticas pedagógicas. Esse avanço no desenvolvimento escolar seria sentido pelas mudanças incorporadas na aprendizagem no decorrer do processo e também nas práticas realizadas da própria investigação.

Os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa se apoiam nos seguintes autores Manoel de Barros (2017), Ana Mae Barbosa (2005), Jorge Larrosa Bondía (2002), Raimundo Martins (2017) e Irene Tourinho (2017).

## **1. DESENVOLVIMENTO**

### **1.1 Os despropósitos de Manoel de Barros no cotidiano escolar.**

O cotidiano escolar deve ser um espaço de encontros e acolhimento, e essa foi a minha percepção da escola onde realizei esse projeto. Dessa forma, quero compartilhar algumas impressões de como foi esse de encontro com a professora regente e seus alunos e alunas.

Estar ali, realizando esse projeto me trouxe surpresas e aprendizagens. A primeira foi constatar as manifestações de alegria, verbalizadas, pelas crianças, quando anunciei que iríamos ouvir uma poesia. A segunda foi sentir a receptividade e o entusiasmo delas para escutar o que eu tinha para contar no cantinho da leitura. Tal espaço representava um mundo diferente, marcado pelos sonhos e pela imaginação. Aquele cantinho transformou-se num território mágico, onde tudo poderia acontecer. Povoado pela imaginação, aquele canto levava as crianças a lugares distantes como se não houvesse paredes a limitá-los. A participação e os olhares de indagação, surpresas e estranhamento, e o desejo de saber o que havia na grande caixa, que levei com as personagens daqueles despropósitos, me fizeram sentir e ver que a arte realmente pode transformar a nossa percepção de mundo. A partir daquele momento, as imagens do poema de Manoel de Barros iriam compor as cenas do nosso fazer artístico e a sala de aula se transformaria em um espaço de arte.

A arte tem um papel fundamental na educação integral dos alunos, porque além de ser uma área de conhecimento, é uma linguagem que dialoga com várias outras áreas de estudo. Assim, aprender através da arte, amplia o repertório das aprendizagens porque os conhecimentos artísticos/ culturais oferecem condições de fazer uma leitura de mundo para



além da estética. A práxis artística promove o desenvolvimento de várias habilidades, tais como a capacidade de interpretação, imaginação, criatividade auxiliando os aspectos afetivos e emocionais, bem como a racionalidade e as habilidades motoras. Nessa perspectiva, coloca-se no cenário artístico e educacional como um potencial crítico e transformador. (ANA MAE BARBOSA, 2018).

Em suas considerações (BARBOSA, 2005) destaca também que a escola não deve ter o objetivo de formar artistas, mas desenvolver a sensibilidade e o repertório cultural do aluno. E isso só é possível emponderando-o como um conhecedor, fruidor e decodificador da arte. Essas considerações nos fazem constatar como a arte na escola, precisa ser repensada e discutida, sobretudo porque as metodologias dessa disciplina, em muitas escolas, são desenvolvidas pelos próprios professores regentes, tal qual nessa escola que desenvolvi esse projeto.

Os debates sobre as questões sobre ensino das Arte Visuais precisam, nesse momento político que vivemos, ser ainda mais intensificadas. Mostrar o que a escola está realizando é de fundamental importância, porque se desejamos que a cultura seja compreendida como condição de desenvolvimento social e político, isso só será possível se a visibilidade das Artes Visuais, tenha significado para as instituições e conseqüentemente para a sociedade. Compreender a importância das Artes, para desvendar o mundo é papel da escola. As imagens fazem parte do cotidiano, no entanto, muitos alunos não conseguem percebê-las. É preciso despertá-los para que sejam capazes de usufruir dessa experiência estética. Barbosa (2005, p.33) destacando a importância da imagem no ensino da arte traz uma reflexão que, nós, os professores, precisamos trazer para os nossos debates.

Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos.

Nesse projeto de intervenção, a metodologia é a pesquisa ação, porque a escola é lócus de investigações e também um atelier. O objetivo é fazer essa interlocução entre literatura e artes visuais para observar, se os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, conseguem fruir uma poesia decodificando-a em imagens. Dessa forma, motivei e dialoguei com elas para perceber o repertório de seus conhecimentos. Antes de ler a poesia apresentei, em forma de fantoches, o narrador e o autor, Manoel de Barros, como recursos que instigaram a

imaginação daquele grupo de crianças. Ao ler o poema, eles compreenderam que o menino que conseguia carregar água na peneira, era o mesmo que fazia peraltagens com as palavras e os despropósitos para encantar o mundo.

A surpresa se fez com palavras e o mundo se coloriu de imagens impressas, que se mesclavam com os objetos que levei para ampliar o repertório daqueles alunos: os fantoches, a peneira, os peixinhos, os espinhos numa vasilha com água, a roupa da noviça. Ao ler pela segunda vez, observei que o mundo real não existia mais porque eram as imagens que lhes povoavam a imaginação. A curiosidade e o contato com aquele vocabulário que era muito diferente de tudo que haviam visto até aquele momento prendiam-lhes a atenção e, percebi, pelas expressões faciais, que viajavam através da narrativa que se desdobrava nas cenas imaginárias. As indagações eram verbalizadas espontaneamente pelo grupo atento. Os diálogos eram enriquecidos pelas trocas com as quais tentavam responder às questões levantadas pelos colegas para sentido ao que estavam ouvindo. Alinhar as experiências vividas nesse cotidiano escolar me fez voltar à minha sala de aula do Ensino Fundamental e reelaborar as falas orais e imagéticas que as crianças tão bem reproduziam naquele momento.

O modo como percebemos, apreendemos, experimentamos e sentimos esses até simultaneamente, o modo como refletimos e organizamos esses fragmentos vividos, configuram a prática de vida que chamamos de experiência. (MARTINS; TOURINHO, 2017,p.12)

Iniciei, pelo título do poema, para desvelar a metáfora, que desafiou aquelas crianças a pensar e repensar essa possibilidade de *carregar água na peneira*. A peneira não era um objeto do conhecimento delas, ainda mais para carregar água. Dessa forma pudemos realizar experiências orais, táteis, sensoriais com os versos, tecidos com o vocabulário manoelês, através do discurso impresso, se desvelando em imagens, que saltando para fora do livro, passaram a fazer parte daquela realidade povoando a imaginação de cada um. Jorge Larrosa Bondía (2002, p.19-20) ao falar sobre *experiência/sentido* descreve o que representa a palavra numa práxis reflexiva:

[...] as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras.[...]

As experiências vivenciadas naquele momento propiciaram às crianças brincarem com as palavras, com os versos, para depois desdobrá-los em cores e imagens que o poeta desenhava nas palavras matizadas. E depois, com tintas, imaginação, muita criatividade e muitos risos deram vida aos versos do autor.

## **1.2 O vocabulário manotelês: um processo de criação singular.**

A história da humanidade vem sendo retratada pela literatura em seus variados gêneros. A natureza e o significado da criação poética tem sido objeto de reflexão e aprofundamento da filosofia, da psicanálise e da crítica literária.

Tenta-se compreender a criação indagando-se se ela é algo racionalmente explicável ou um devaneio, condição que faz o poeta sonhar acordado. Porém, essas duas situações são perpassadas por um elemento comum: a noção de que toda criação poética mantém uma relação de semelhança e adequação com a realidade.

Pode-se dizer que os ingredientes da criação se assentam na imaginação e resultam do desejo e do devaneio advindos das emoções e sentimentos. Alfredo Bosi (1977, p.13) considera que “o devaneio seria a ponte, a janela aberta a toda ficção. No vazio que se abre além do horizonte de uma visão presente e finita, é possível imaginar.” O autor indaga ainda sobre o que representa uma imagem no poema, discorrendo ser ela não apenas um ícone, que se fixa na retina ou um fantasma, que se produz no devaneio, mas sim, a palavra articulada àquela que se reveste de vida, de comunicação. Este seria o jogo que toca e estimula as sensações do leitor que o faz captar a essência do poema, pois é tocado em sua sensibilidade.

Ao trazer essas considerações de Bosi, para o processo de criação de Manoel de Barros, observo que essas sensações são captadas por todos os leitores, e também pelas crianças que, ao contato com o vocabulário manotelês, se encantam e apreendem de forma natural o seu significado estético. E embora a imaginação criadora dos adultos, seja muito diferente daquelas construídas pelas crianças, devido às experiências armazenadas ao longo dos anos pelo leitor adulto, percebi que a captação das sensações e emoções eram claramente não só sentidas mas, também “visualizadas” pelos alunos. Assim, as metáforas grafadas no poema, *O menino que carregava água na peneira*, foram sendo desveladas e compreendidas por eles, que se deixavam se envolver no jogo da criação do poeta. O lúdico transportou as crianças para o mundo daquele menino que ainda iria realizar muitas peraltagens com as palavras e encher o mundo com seus despropósitos.

O vocabulário mannelês pode ser apreendido, como um jogo de sensações e da fruição do prazer estético. No entanto, muitos adultos não o conseguem captar, porque não têm sensibilidade para senti-los, como ele mesmo nos fala em entrevista, realizada pelo repórter José Castello, quando uma professora lhe disse que não compreendia os seus poemas.

Ela estava desesperada. E me disse: “Pois é, mas eu não entendo nada. Como é que vou preparar meus alunos para as provas?” Eu respondi: “Olhe, eu também não sei o que lhe dizer. Meus livros não são para vestibular.” Poesia exige sensibilidade. Se você não tem sensibilidade, preparo algum adianta. (BARROS apud JOSÉ CASTELLO, 2008, p.5)

Percebe-se, no entanto, que as crianças têm facilidade em apreendê-los e sensibilizar-se com eles, como se refere nessa mesma entrevista “[...] Até hoje me entendo muito com as crianças. Elas são inteligentes, descobrem coisas que a gente não vê. Têm a sintaxe torta. Eu tenho em mim, sempre, um lado muito grande de brejo, de natureza [...]” (BARROS, 2008, p.9)

As crianças “descobrem coisas que a gente não vê”, o poeta mostra que elas possuem uma percepção que ultrapassa o mundo real, e assim também “têm uma sintaxe torta”, como ele, o artista vê o mundo. Elas têm essa facilidade de apreciar e fruir a poesia e o vocabulário mannelês como um processo lúdico, de jogo e brincadeira com as palavras e também a capacidade de imaginar as imagens daquelas palavras.

Ao se deparar com os versos que parecem “absurdos”, elas os interpretam como invenções e brincadeiras e os desdobram em gestos, sons, cores, formas e imagens, transformando essas experiências e invenções em novas aprendizagens.

Dessa forma, o jogo das sensações, pode ser transmitido ou não ao leitor de acordo com a tensão, ou seja, a captação de seus sentidos. O julgamento estético está relacionado à satisfação, a fruição do prazer que o objeto oferece, seja através do olhar ou da audição. A arte poética põe a imaginação em liberdade, o poeta é capaz de captar a natureza não como fenômeno, não como ela se mostra, mas em sua essência, ou seja, transcende a realidade.

Esse pensamento também é compartilhado por Merleau Ponty, (1960, p.42) quando diz que “O olho realiza o prodígio de abrir à alma o que não é alma, o bem-aventurado domínio das coisas, e seu deus, o sol.” Para ele, a percepção do mundo é sentida pelo corpo que vê e se faz visível, dessa forma ele nos traz a dimensão da senciência, que é a condição de sentir o mundo e a natureza, percebendo-os na sua essência e não apenas como o objeto. Assim pode ser definida a alma do artista: ele vê além das aparências, é na experiência do olhar que a sua imaginação se liberta.

Ao desdobrar o pensamento de Kant que pensa a arte como um jogo, Bosi (1977, p.16) diz que “a obra de arte conhece um momento de *invenção* que libera as potencialidades da memória, da percepção, da fantasia: é a alegria pura da descoberta, que pode suceder a buscas intensas ou sobrevir num repente de inspiração: heureka!” Dessa forma busca-se entender a forma natural de criação ao dizer-se que a criatividade se opõe ao espírito de imitação.

Ela fortalece a mente, ao fazê-la sentir sua faculdade livre, espontânea e independente da determinação natural, de contemplar e julgar a natureza, como fenômeno, [...] Ela joga com a aparência, que efetua ao bel-prazer, sem, entretanto, enganar com isso; pois declara sua própria ocupação como mero jogo, que, mesmo assim, pode ser usado com finalidade pelo entendimento e para seus ofícios. (KANT, 1995, p.171-172)

Tanto a imaginação, que pode ser definida como o devaneio, *o sonhar acordado*, quanto os conteúdos intelectuais que podem ser apreendidos pelas experiências e o conhecimento, são condições fundamentais para o processo de criação. Não existe uma fórmula racionalmente explicável para entendê-lo, ou explicá-lo, mas sim a percepção fundamentada em observações e depoimento dos próprios artistas que dizem ser tantos os processos mentais do intelecto, quanto os conteúdos emocionais que perpassam a sensibilidade, componentes integrantes do ato de criar. Há, nesse momento, uma (re) interpretação da realidade fazendo uma ruptura com os modelos tradicionais do fazer poético.

E, assim, conjugando Literatura e Artes visuais, busquei reconstituir no espaço da sala de aula, um atelier para que as crianças pudessem traduzir os versos do poeta em imagens grafadas pela sensibilidade de cada uma.



Materiais para aula. Fantoches: Manoel de Barros e *O menino que carregava água na peneira*.  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



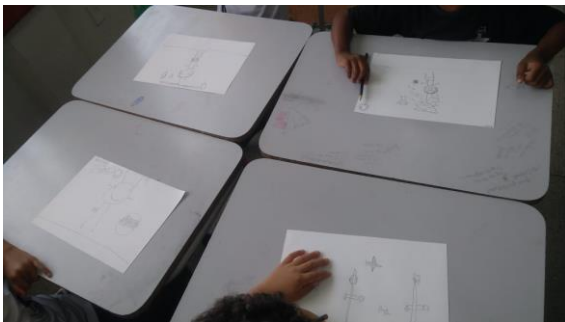
Alunos colocando água na peneira  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



Alunos brincando com os fantoches  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



1ª etapa: alunos transpondo poemas para imagens:  
desenho  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



1ª etapa: alunos transpondo poemas para imagens:  
desenho.  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



2ª etapa: alunos transpondo poemas para imagens:  
pintura  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



2ª etapa: alunos transpondo poemas para imagens:  
pintura.  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



3ª etapa: exposição de imagens representando o poema.  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



3ª etapa: exposição de imagens representando o poema.  
“Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela” Manoel de Barros (2017)  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



3ª etapa: exposição de imagens representando o poema.  
“Tenho um livro sobre águas e meninos. Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.” Manoel de Barros (2017)  
Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



3ª etapa: exposição de imagens representando o poema.

“O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor!” Manoel de Barros (2017)

Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu



3ª etapa: exposição de imagens representando o poema. “Foi capaz de interromper o voo de um pássaro”

Manoel de Barros (2017)

Foto: Professora Ellen de Paula M. Abreu

### 1.3 A educação estética com crianças: uma experiência de aprendizagem.

Como mencionei acima a interação e interlocução das crianças com o poema proporcionaram situações de muitas surpresas. Dentre elas a facilidade com que assimilaram os sentidos e a subjetividade do pensamento de Manoel de Barros. As imagens descritas na poesia estavam ali, materializadas, sendo captadas pelas crianças, através do tato, olfato, audição e também pelo olhar que eu sentia penetrar fundo a alma do poeta. Essas sensações realçavam-se e podiam ser percebidas pelas expressões faciais de indagação, surpresa e estranhamento e pelo contato com os acessórios, ali expostos, que compunham a narrativa do poema. As imagens do livro passaram a fazer parte do espaço escolar, na sala de aula, onde o mundo do poeta passou a habitar. Mas, como seria o encontro estético entre Literatura e Artes Visuais? E como as crianças estavam realmente percebendo essas imagens? Nessa etapa do projeto, a minha proposta era que desenhassem e pintassem, com lápis, guache, em papel canson, os versos do poeta, que transformassem em imagens suas palavras. O meu objetivo foi observar como as crianças iriam transformar a linguagem verbal em linguagem visual.

Esse encontro com a experiência visual, através da poesia propiciou aos alunos e a mim situações de aprendizagem e conhecimentos que muito enriqueceram o nosso repertório cultural. A diversidade é a marca de nossa humanidade e ter a oportunidade de observar as marcas das subjetividades, ali, naquele grupo de crianças de seis anos, foi muito importante para compreender o que é o exercício do olhar, do sentir e do ver as imagens. Como elas são percebidas no cotidiano escolar? Irene Tourinho, (2015, p.4) nos fala desse olhar crítico e investigativo e nos esclarece que “As imagens contam de nós, dos outros, para nós, para outros. A natureza dinâmica das práticas do ver, na atualidade, cria novas responsabilidades para a escola.”

Nessa etapa que pude constatar a recepção, fruição, captação de sentidos e compreensão que os alunos das séries iniciais percebem num poema, sobretudo nessa obra de Manoel de Barros, considerado um autor contemporâneo, com um vocabulário marcado pela (des) construção da língua. A essência das palavras, desdobradas em versos ficaram grafadas não só no papel, mas certamente, também representaram uma experiência estética transformadora para suas vidas. Esses experimentos são considerados bases para um desenvolvimento estético, sobretudo, quando realizadas na escola, espaço educativo, onde as expressões artísticas e a leitura de imagens devem ser apreciadas como aquisição de valores culturais.

Sabe-se que o contato com imagens é importante no momento em que a criança está construindo a ideia do que é uma imagem e do modo como funciona a representação. Ela aprende a dar sentido ao que vê nas interações com o meio.[...] Quando presencia os adultos comentando uma revista, folheando um livro ilustrado, conversando sobre uma imagem numa embalagem, no tablet, na TV...está aprendendo, à sua maneira, que imagem também se lê; que sentidos podem ser atribuídos a ela. (ROSSI,2015, p.271)

A autora continua suas considerações, enfatizando que assim como a literatura deve fazer parte do cotidiano escolar, a leitura de imagens também deve integrar esse contexto, proporcionando às crianças experiências estéticas com leitura e escuta de histórias, poesias, músicas e outras fontes de narrativas visuais, como revistas, livros e outros suportes. As crianças deveriam receber essa educação visual desde o primeiro ano de vida.

Tourinho (2011) também enfatiza a importância do trabalho com a experiência visual no cotidiano escolar, destacando que a interpretação de objetos e imagens está relacionada aos contextos que transitamos, às conexões afetivos/ emocionais em nossas relações.

Nesse universo estético pude perceber como as práticas artísticas e culturais representam espaços de investigação e experimentações, propiciando aos alunos condições de liberdade e fazer questionamentos de situações inusitadas, de construir conceitos e “teorias” sobre as sensações que as imagens lhe causam, de forma espontânea e crítica, tal como pude observar, naquele grupo diverso de crianças em relação ao poema *O menino que carregava água na peneira*. Ao se referir a essa “teorias” e compreensão das crianças em relação à obra de arte Rossi (2015, p. 218) comenta que



Essas “teorias” sobre a arte são feitas de ideias que elas adquirem/constroem durante as experiências cotidianas em seus encontros com trabalhos de arte. Às vezes, tais ideias podem parecer ingênuas ou em desacordo com o que supomos que as crianças deveriam saber. Se assim as considerarmos, privaremos a criança da possibilidade de filosofar sobre questões estéticas a seu modo.

Ao aproveitar todos esses momentos em sala de aula, para aprender com as crianças, foi realmente viver experiências que nos abrem muitas possibilidades para organizar projetos de trabalhos onde devem estar presentes a ousadia e a coragem de transgredir e promover mudanças. Trabalhar com a poesia de um autor que rompe com os padrões linguísticos e cria um vocabulário singular, nos faz perceber que podemos reinventar o mundo, porque quando lemos, seus poemas para as crianças, elas conseguem “ver” as palavras, recompor as metáforas e transformá-las em imagens.

Tais experiências me sinalizaram que essas narrativas imagéticas podem e devem ser usadas no contexto educacional com o objetivo de promover reflexões para o desenvolvimento do conhecimento crítico e não somente para entretenimento e distração. Outro aspecto, também por mim observado é a influência das linguagens visuais que transitam em nosso cotidiano contagiando as subjetividades de nossas crianças. Percebi que esses alunos, do primeiro ano do Ensino Fundamental, destacavam essas visualidades, refletindo de forma crítica e criativa. Participaram ativamente do jogo proposto pelo poeta e pelos seus personagens que se tornaram reais naquele momento. Observei também que as crianças, não têm barreiras diante do vocabulário manelês, e que por mais incomum as palavras, lhes pareçam, elas as transformam naturalmente em imagens que nos surpreendem. Esses projetos de trabalho devem ser realizados na escola para que se possa debater a importância das artes visuais no desenvolvimento infantil.

Ao refletirmos nas questões acima propostas, podemos dizer que essas imagens invadem o nosso cotidiano, produzem impressões, influenciando as subjetividades, promovendo mudanças e transformações nesse cenário contemporâneo.

## **2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Participar dessa experiência foi uma oportunidade muito produtiva para minha atuação profissional. A intervenção no cotidiano escolar e o contato com alunos e alunas das séries iniciais oportunizou-me ver e sentir a recepção das Artes Visuais dialogando com a Literatura.

A leitura visual é um processo de reconhecimento que amplia a percepção para a compreensão das imagens e o desenvolvimento dessa capacidade desenvolve as habilidades de ver, julgar e interpretar, imaginar e criar. Essa observação pode ser feita nos desenhos e pinturas produzidos pelas crianças como vimos acima. Tais produções artísticas responderam a minha investigação, que é compreender como elas transformariam palavras em imagem e como seria essa interlocução entre Literatura e Artes Visuais.

Observei também a ampliação do repertório cultural, linguístico, imagético, não só das crianças, mas também de todos envolvidos nessa pesquisa. Refiro-me, também à professora que participou ativamente de todo o processo.

Percebi, como é importante e necessário desenvolver as visualidades, sobretudo na infância. As imagens povoam o nosso cotidiano, informando-nos e formando-nos, pelas propagandas, livros, mídias sociais e, vários outros suportes que reflitam o mundo de cores, movimentos e sons, transformando os espaços por onde transitamos em verdadeiros territórios estéticos.

A leitura visual é emancipadora e promove uma educação do olhar, do sentir, que fazem os estudantes pensarem sobre a arte, mudarem seus conceitos e observarem o mundo sob uma ótica diferenciada. O vocabulário manelês foi uma das ferramentas que promoveu essas mudanças. Ao envolverem-se com os “despropósitos” do autor, as crianças sentiram-se artistas, por lhes ser oferecida a liberdade de imaginar, de participar dessa experiência e compartilhar suas opiniões. Os diálogos, as trocas de afeto, as emoções que as visualidades promoveram, foram aprendizagens muito significativas, que certamente, ficarão arquivadas no repertório de seus conhecimentos e também em seus sentimentos. As regras, o padrão, as amarras foram desatadas e, aluno e alunas, mergulhando no mundo da fantasia que Manoel de Barros descortina, viveram as cenas do poema como se fizessem parte dele.

Com as observações, a imersão na pesquisa, as investigações que fiz percebi o que representa o ensino de artes visuais para a Educação, tanto pelo desenvolvimento cultural e artístico que ela promove quanto pelos questionamentos e estímulos à capacidade do desenvolvimento integral dos alunos. O desenvolvimento cultural está diretamente relacionado ao ensino das artes visuais porque os processos de construção do conhecimento, através das visualidades, da leitura de imagens desenvolvem a criticidade, a imaginação, a criatividade e a interpretação, isto porque o desenvolvimento da percepção é constantemente estimulado nas leituras visuais. Também não podemos deixar de mencionar a sua contribuição nos aspectos emocionais e afetivos, sobretudo, quando observamos que as experiências artísticas, auxiliam as relações interpessoais, estimulando o respeito e o compartilhamento. A

sala de aula é o local privilegiado para a realização de uma educação estética que contribua para que as crianças aprendam a pensar de forma crítica e no futuro possam se tornar agentes transformadores do mundo.

### 3. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Educação por meio da Arte.**

26/08/2018. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte/> Consulta em 09/04/2019.

\_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos.** 6 ed. São Paulo; Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras.** Estudos Avançados . vol.3 no.7. São Paulo Sept./Dec. 1989. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141989000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010) Consulta em 30/04/2019.

BARBOSA, Ana Mae Tavares. (Org). **Arte-educação: leitura no subsolo.** 6 ed. São Paulo: Cortez. 2005.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança.** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Revista Brasileira de Educação.* 2002, n.19, pp.20-28. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-4782002000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-4782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt) Consulta em 30/04/2019.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte.** 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix, 1977.

CASTELLO, José. **Manoel de Barros faz do absurdo sensatez.** Florianópolis. 22 de fevereiro, 2008. Disponível em: <https://consultapsicologo.com.br/2008/02/22/manoel-de-barros-faz-do-absurdo-sensatez/>. Consulta em 11/04/2019.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo .2<sup>a</sup>** ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1995.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos.** 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MARTINS, Raimundo. **Reflexões Sobre Ensino de Arte, Visualidades e Cotidiano.** Paralelo 31.Pelotas-RS. 06 de junho de 2016. Disponível <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10190> . Consulta em 15/04/2019.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. **(Des) arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência.** In Raimundo Martins, Irene Tourinho, Elizeu de Souza (org) Pesquisa Narrativa: interface entre histórias de vida, arte e educação. Editora: UFMS, 2017. p 12.

PIMENTEL, Lúcia Gouveia. **Cognição imaginativa.** Belo Horizonte, MG. Novembro de 2013. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/118>  
Consulta: 15/04/2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice . **O olho e o espírito.** s/ed. Cosac 7 Naif. 2006

READ, Herbert. **A Educação pela arte.**1ª ed. São Paulo: Martins Fontes.2013

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Leitura visual e educação estética de crianças. Gearte.** Porto Alegre/RS. V2,nº 2, 2015.Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/58085>  
Consulta em 20/03/2019

TRIPP, Davi. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>  
consulta em 09/04/2019.